

# Percepções sobre Alimentação e Merenda entre os atores sociais de uma escola: limites e possibilidades para educação em saúde

Perception about Food and school meals among social actors in a school: limits and possibilities for health education

*Fernanda Roberta Daniel da Silva Portronieri, Alexandre Brasil Carvalho da Fonseca*

Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde – UFRJ

*nutrisfer@yahoo.com.br*

## Resumo

O Programa Nacional de Alimentação Escolar tem como um dos seus objetivos a construção de hábitos alimentares saudáveis, sendo desejável a existência de processos educativos que promovam trocas entre questões relacionadas à alimentação, ao ensino de ciências e outros espaços de ensino-aprendizagem. Mas qual o papel do PNAE para seus atores sociais? Essa questão é discutida através dos resultados de uma etnografia escolar, com duração de 9 meses, que contemplou as aulas de ciências e educação física, a merenda e outros espaços de socialização. A merenda emergiu como um importante elemento de demarcação de identidade e diferença entre os alunos, por ser considerada um suporte nutricional destinado aos mais necessitados. Além disso, é discutida a prática educativa em saúde a partir das percepções sobre alimentação. Conclui-se com a importância da escola oferecer oportunidades de desenvolver pensamentos e atitudes críticas com relação à alimentação e às questões de identidade e diferença.

**Palavras-chave:** Programa Nacional de Alimentação Escolar; Educação em Saúde, Formação de Identidade.

## Abstract

The National School Feeding Program has as one of its goals to build healthy eating habits, and desirable to have processes that promote educational exchanges between issues related to nutrition, education science and other areas of teaching and learning. But what is the role of PNAE for their social actors? This issue is discussed through the results of a school ethnography, lasting nine months, which included science classes and physical education, the school lunch and other spaces for socialization. The meals emerged as an important element in the demarcation of identity and difference among the students, because it is considered a nutritional support for the needy. In addition, the educational practice in health is discussed in from the perceptions about feeding. It concludes with the importance of school provide opportunities to develop critical thinking and attitudes about feeding and issues of identity and difference.

**Key words:** National School Feeding Program, Health Education, Formation of Identity

## INTRODUÇÃO

Esse artigo faz parte de uma dissertação de mestrado que visou compreender como se dá a construção da imagem corporal entre jovens estudantes do ensino fundamental. Através de uma etnografia na escola e o convívio com os mesmos durante os diferentes momentos escolares, tais como a entrada, as aulas de educação física e biologia, o intervalo e a merenda escolar, as conversas nos corredores, nas salas dos professores e a saída, foram traçadas considerações sobre o corpo, a alimentação e a percepção de si, e suas relações com a educação em saúde na escola. Nesse trabalho, trataremos apenas da questão da alimentação, a partir de duas categorias de análise: “A merenda escolar como marcação de identidade e diferença” e “Certo e errado, o discurso da alimentação saudável”.

Desde as novas perspectivas de promoção de saúde com a Declaração de Alma-Ata, a Carta de Ottawa e o Relatório de Jacarta, várias estratégias têm sido utilizadas para se implantar políticas de promoção da saúde (Ippolito-Shepherd, 2002). A escola emerge como um elemento chave no processo de Promoção da Saúde, com o objetivo de criar condições para os alunos desenvolverem plenamente suas potencialidades, adquirindo competências para cuidarem de si próprios, serem solidários e capazes de se relacionar positivamente com o meio. A promoção da saúde dentro da escola utiliza todas as oportunidades educativas formais e informais, proporciona a reflexão e a análise crítica da informação; facilita a conscientização e o “empoderamento” dos estudantes e da comunidade educativa como um todo (Ippolito-Shepherd; 2002). Aproveitar o espaço de ensino-aprendizagem para discutir os temas transversais Ética e Cidadania, Consumo e Trabalho, Multiculturalidade, Meio ambiente, Saúde e Sexualidade (OPAS,1998) é uma peça fundamental quando se pensa em promover saúde. Sem uma efetiva educação que permita aos alunos terem consciência e autonomia das suas escolhas em relação à saúde, é quase impossível promovê-la.

A promoção da saúde nas dinâmicas curriculares das escolas só será útil se objetivar pela autonomia dos educandos e pela participação ativa de crianças e jovens na construção das atividades educativas e assim, do saber. Dessa forma, eles terão o conhecimento de modos alternativos de lidar com a ansiedade, com o stress, com os relacionamentos, e sem ter que recorrer a comportamentos inadequados como o consumo de substâncias aditivas, violência, sexualidade de risco, etc (Rodrigues et al, 2007).

A educação nutricional encontra na escolar um espaço privilegiado, uma vez que pertence ao tema transversal Saúde, além disso, conta com o Programa Nacional de Alimentação Escolar como um forte instrumento pedagógico para esse fim. Mas que tipo de educação nutricional tem sido feita na escola?

O ato de comer nos é apresentado habitualmente como um fato simplesmente biológico e natural; que necessitamos comer para sobreviver, para desempenhar as funções do organismo de forma correta, para desempenharmos atividades, para termos energia. A cotidianidade do ato alimentar acaba o neutralizando e o tira da esfera da reflexão, mas é muito importante tentar trazê-lo para essa esfera (Aguirre, 2004). Bourdieu (1992) discute que padrões de consumo distintos constituem uma via a partir da qual os ricos se diferenciam dos mais pobres, e, por outro lado, há como por meio da imitação dos padrões alimentares se converterem em um caminho para a mobilidade social entre as classes. Há, portanto, várias formas de interpretar e compreender a alimentação humana. A forma como se discute a alimentação saudável pode negligenciar todas as nuances que esse assunto comporta e estar

carregada de *pré-conceitos* que culpabilizam o indivíduo pelas escolhas dicotômicas do tipo “certo x errado”.

Da Matta (1997) apud Bezerra (2009) discute que a *merenda* (nome popularmente conhecido do Programa Nacional de Alimentação Escolar) é alimento e comida, que envolve desde as necessidades biológicas como também todos os sentimentos que ela carrega, tais como o prazer. Dessa forma, carrega em si expressivo significado para o ser humano ultrapassando a mera satisfação de necessidades biológicas.

O Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) está presente no Brasil há mais de 50 anos e é um dos programas públicos de suplementação alimentar mais antigos do país. Através da transferência de recursos financeiros, a alimentação escolar é garantida aos alunos da educação básica (educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e educação de jovens e adultos) matriculados em escolas públicas e filantrópicas. Com expressivos investimentos e assegurado pela Constituição de 1988, o programa visa atender às necessidades nutricionais dos alunos durante sua permanência em sala de aula, *contribuindo para o crescimento, o desenvolvimento e a aprendizagem dos estudantes, bem como para a formação de hábitos alimentares saudáveis (FNDE, 2005).*

Presente em todas as escolas públicas do país, o PNAE pode ser considerado um instrumento pedagógico por se constituir em um espaço educativo. Muitos, porém, consideram o Programa Nacional de Alimentação apenas na sua dimensão assistencial, atribuindo a ele o objetivo exclusivo de suplementação alimentar, destinado à parcela carente da população que não tem condições para alimentar-se adequadamente, o que obscurece suas possibilidades educativas e dificulta as atividades que permitiriam a produção de novos conhecimentos significativos no espaço da escola (Costa, 2001). Bezerra (2009) em sua pesquisa de doutorado numa escola do Ceará, observou que as representações sociais da merenda escolar têm como predisposição o aluno carente, faminto e necessitado e que as práticas relacionadas à merenda se orientam apenas a partir das considerações dos profissionais da escola, o que reforça a submissão dos alunos e tendem a naturalizar a situação de exclusão em que a maioria vive.

O Programa de Alimentação é uma política social inserida em determinado contexto político e econômico, sofrendo, portanto, as influências do momento histórico que se situa. Compreender esse contexto pode indicar caminhos para a realização de educação nutricional a partir desse instrumento. Mas, qual a percepção dos atores sociais sobre o papel pedagógico do PNAE? Qual a visão dos alunos e profissionais sobre a merenda escolar?

A partir dessas discussões, esse artigo visa relatar as percepções sobre a alimentação e a merenda escolar em uma escola do município do Rio de Janeiro e discutir o papel do Programa da Alimentação Escolar na construção dos hábitos alimentares e na marcação da identidade e da diferença entre os alunos.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa foi de cunho qualitativo por meio da abordagem etnográfica da prática escolar, focalizando especialmente o professor, o aluno e a relação entre os mesmos. A etnografia estuda como os indivíduos compreendem e estruturam seu dia-a-dia e a sua principal preocupação é o significado que têm as ações e os eventos para as pessoas ou os grupos estudados. É uma tentativa da descrição da cultura (André, 2007; p. 19).

Embora a pesquisa etnográfica tenha sido desenvolvida por antropólogos para o conhecimento de povos nativos, esse tipo de pesquisa tem sido utilizado também para pesquisas sociais em saúde, como o desenvolvido por Leininger (1985), específico para a

enfermagem (denominado de etnoenfermagem), e também na educação, como nos aponta André (2007). Guimarães et al (2007) em uma revisão dos trabalhos apresentados no VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Educação em Ciências constataram como essa forma de investigação tem crescido no campo da educação em ciências, embora haja uma grande diversidade de perspectivas teórico-metodológicas que orientam os trabalhos.

O uso da etnografia em educação permite reconstruir os processos e as relações que configuram a experiência escolar diária, documentar o não documentado, descrever ações e representações sociais, reconstruir linguagens, formas de comunicação e os significados que são criados e recriados no cotidiano do seu fazer pedagógico. Considera a escola como um espaço social no qual ocorrem movimentos de aproximação e de afastamento, onde se criam e recriam conhecimentos, valores e significados. Rompe-se com a visão de cotidiano estático e repetitivo, considera-a como um terreno cultural (André, 2007; p. 41).

Buscou-se analisar como se desenvolve a visão de mundo dos atores sociais, utilizando-se a visão do “*self*”; a visão que o indivíduo tem de si mesmo é parte da visão que os outros têm dele e da interação entre os atores. A auto-imagem e a visão de mundo são construções sociais, pois os conceitos dependem de como o indivíduo interpreta as ações e os gestos que lhe são dirigidos pelos outros.

A pesquisa ocorreu em uma escola da sétima Coordenadoria Regional de Educação, no município do Rio de Janeiro. O trabalho de campo teve duração de 9 meses e a permanência na escola foi de três dias por semana, contemplando as aulas de ciências, de educação física, a merenda (recreio), a entrada e a saída dos alunos, bem como os demais espaços de socialização dos mesmos. Foram escolhidas duas turmas, uma de oitavo ano, com alunos entre 13 e 14 anos (no turno da manhã) e uma de nono ano (do turno da tarde), com alunos entre 15 e 18 anos. As técnicas utilizadas foram a observação participante de toda a rotina escolar com registro em diário de campo e entrevistas em profundidade com os professores acompanhados, que foram posteriormente transcritas.

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética da Secretaria Municipal da Saúde e teve aprovação em 30/03/2009 (CAAE: nº 0032.0.314.000-09). Após a aprovação do Comitê de Ética, foi dada entrada no processo de aprovação pela Secretaria Municipal da Educação em 13/04/2009 com aprovação para a pesquisa em 16/04/2009. Os participantes tiveram seu anonimato assegurado e só participaram após lerem e assinarem o termo de consentimento livre e esclarecido.

## **A MERENDA ESCOLAR COMO MARCAÇÃO DE IDENTIDADE E DIFERENÇA**

A construção da identidade se dá a partir da concepção do que é a diferença. As identidades são construídas a partir de outras identidades, e essa construção aparece mais na forma de oposições binárias, que é a forma mais extrema de marcar a diferença. Isso pode se dar de duas formas: negativamente, por meio da marginalização ou exclusão daqueles que são definidos como “os outros” ou, uma maneira vista como enriquecedora, o hibridismo ou a diversidade (Silva, 2000). É comum consideramos a diferença como um produto derivado da identidade sendo a identidade a referência, o ponto original relativamente ao qual se define a diferença. Isso reflete a tendência a tomar aquilo que somos como sendo a norma pela qual descrevemos ou avaliamos aquilo que não somos. No entanto, em relação à construção da identidade e da diferença, há de se considerar a estreita relação de poder que define cada uma. Silva (2000) diz que onde existe a diferenciação, aí está presente o poder, que pode ser reconhecido nas seguintes marcas: incluir/excluir (estes pertencem, aqueles não); demarcar

fronteiras (“nós” e “eles”); classificar (“bons” e “maus”, “puros” e “impuros”, “desenvolvidos” e “primitivos”, “racionais” e “irracionais”); normalizar (“nós somos normais”, “eles são anormais”). Portanto, a afirmação de identidade e de diferença implica sempre em operações de incluir e excluir, que partem sempre do ponto de vista da identidade.

Durante a pesquisa foi possível perceber que os professores e a diretora influenciam as opiniões e percepções dos alunos dessa escola, e, portanto, representam “poder”. A partir disso se estabelece o que é a Identidade e o que é a Diferença. Silva (2000) diz que toda identidade adquire um sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais eles são representados. Isso quer dizer que a identidade é marcada por meio de símbolos, como por exemplo, as coisas que uma pessoa usa ou faz. Dessa forma, a construção da identidade é tanto simbólica quanto social. A opinião dos professores e dos demais profissionais da escola sobre a merenda escolar, portanto, influencia a percepção que os alunos têm da mesma.

A merenda escolar é vista, de uma maneira geral, tanto para os professores quanto para os alunos, como um suporte nutricional destinado às pessoas mais necessitadas. Em inúmeras conversas com os alunos pude perceber esse sentimento de diferenciação social por meio de comer ou não na escola:

*“Eu não como aqui não, eu tenho comida em casa!” (Aluno manhã)*

*“Só come lá quem precisa né... Ah, também come lá... todo mundo... quando tem alguma comida gostosa. Mas mesmo assim, eu tenho vergonha. Prefiro comprar com a Tia.” (Aluna manhã)*

*“Muitos têm vergonha de comer. Porque eles ficam falando “Ah porque é morto de fome”, então eles têm vergonha de comer. Alguns não comem nem de manhã em casa, mas chegam aqui e não comem (...) os que têm mais recursos e não estão acostumados a comer mesmo”. (Entrevista professora ciência – manhã)*

*“A merenda aqui é por aquele que é desesperadamente necessitado. Os outros todos evitam comer ou compram um biscoitinho ou alguma outra coisa não saudável. Eles têm muita essa coisa... porque a merenda também na escola representa que estando ali ele é também uma pessoa muito necessitada, e eles não querem passar essa imagem né? Então, às vezes eles podem até achar “Ah não, não como na escola nunca!”. Isso é comum. Quem tem um pouquinho ali, um nível um pouquinho melhor: “Ah, não vai merendar?”, “Ah não como na escola nunca”. (Entrevista Professor Ed. Física – manhã).*

*“É, os que comem ali são realmente os mais necessitados, tem aqueles que gostam né, porque sempre tem os que gostam (...) Existe preconceito sim, até hoje existe (...) E eu não sei porque... esse preconceito era uma coisa a ser estudada também né, engraçado... porque com as partes carentes existe muito preconceito também porque algumas favelas são melhores do que outras favelas, então favela “tal”, digamos que é a “elite da favela”. Aí: “você é da favela “tal”, então eu acho que se a favela “tal” se mistura com a favela “tal” na hora da merenda quer dizer também que eles não*

*têm a mesma... o mesmo poder aquisitivo que a outra tem. Existe uma coisa assim. Eles, entre eles, também brincam muito “Ah favelado!”, “E você também não é favelado, seu morto de fome?”, “Ah, mas eu sou... eu sou da favela “tal” e você é da “tal”, entendeu? Existe muito isso”. (Entrevista diretora)*

A representação da identidade e da diferença está diretamente relacionada a quem tem o poder, e a partir disso, ocorre a atribuição de sentido. É, portanto, por meio da representação que a identidade e a diferença adquirem sentido e se ligam a sistemas de poder. “*Quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade*”. Por isso, questionar a identidade e a diferença significa questionar o sistema de representação que lhe dá sustentação (Silva, 2000; p. 91). Sendo os professores referenciais de poder para os alunos, e a partir daí, eles passam a transmitir para os seus alunos o que seria a *identidade (não comer na escola – não favelados)* e o que seria a *diferença (comer na escola - favelados)*

Woodward (2000) diz que a cozinha é um exemplo de marcação da identidade e da diferença por sistemas simbólicos, pois traz elementos culturais que são peculiares de cada povo ou cada indivíduo. Leach, 1974 apud Woodward, 2000 diz que aquilo que comemos pode nos dizer muito sobre quem somos e sobre a cultura na qual vivemos e mais do que isso, a comida é um meio pelo qual as pessoas podem fazer afirmações sobre si próprias. Segundo Fischler (2002), o alimento carrega em si o “Princípio da Incorporação”, isso, é, a partir da ingestão do alimento, não são somente sua matéria e seus nutrientes que passam a compor a nosso corpo, a fazer parte de nós; incorporamos com ele toda a rede de significados que ele possui, toda a sua carga cultural. Nossos corpos podem ser considerados o resultado, o produto, de nosso caráter que, por sua vez, é revelado pela maneira como comemos. E são as convenções da sociedade que decretam o que é alimento e o que não é, que tipo de alimento deve ser comido em quais ocasiões e quais os significados atribuídos aos alimentos. Ao perceber a alimentação escolar como própria dos alunos de menor poder aquisitivo, os que possuem poder aquisitivo maior, ou até mesmo os que não querem ser identificados como “favelados”, conforme as falas acima, não compartilham dessa alimentação e desse ambiente de comensalidade.

Ao considerar apenas o aspecto assistencial do Programa Nacional da Alimentação Escolar, os professores e demais profissionais da escola negligenciam seu potencial educativo e subestimam seu valor diante dos alunos, alvos do programa, que deixam de comer como uma forma de diferenciação social, negando o seu direito à alimentação.

Durante a pesquisa não foi observada nenhuma atividade de educação nutricional ou de saúde que envolvesse de alguma forma o PNAE. Até mesmo quando questionados sobre como são feitas as abordagens relacionadas à alimentação e à nutrição na escola, os professores e a diretora em momento nenhum citaram a merenda como um espaço propício para tais atividades. Em nenhuma das entrevistas o PNAE foi considerado como um instrumento pedagógico ou de promoção da saúde. A única alusão a isso se deu com a entrevista da diretora, porém, ele só foi reconhecido como tal, mediante o fornecimento de energia adequada para que os alunos que comem possam ter mais disposição ou estímulo para ir à escola:

*“... olha eu acho assim, eu que tenho essa experiência toda né, eu já tenho mais de 25 anos de rede e fui aluna de escola pública e se você tem uma escola onde essa merenda funciona bem, onde essa merenda é feita com carinho, com gosto, é mais um*

*prazer pra criança estar na escola por causa da merenda, você entendeu? Além de dar energia pra que eles possam estudar melhor” (Entrevista Diretora)*

Silva (2000, p. 92) diz que a pedagogia e o currículo deveriam ser capazes de “*oferecer oportunidades para que as crianças e os jovens desenvolvessem capacidades de crítica e questionamento dos sistemas e das formas dominantes de representação da identidade e da diferença*”. A questão da identidade e da diferença devem ser preocupações curriculares e pedagógicas uma vez que em um mundo heterogêneo, o encontro com o outro (estranho e diferente) é inevitável. Porém adotar como estratégia pedagógica uma atitude liberal e de aceitação da diversidade cultural, ou uma atitude que adota mecanismos de correção de preconceito ou até mesmo uma estratégia que apresenta o diferente como exótico e distante, não contemplam as discussões de produção de identidade e diferença pautadas no poder de representatividade (Silva, 2000). O autor defende que a pedagogia e o currículo devem tratar a identidade e a diferença como questões de política, como questões que abordam a construção a partir do poder. Aponta ainda para a necessidade de se trabalhar a questão de quais mecanismos e instituições estão ativamente envolvidos na criação da identidade e de sua fixação. Se apenas ignorar as questões que envolvem a identidade e a diferença, é inevitável que o “outro” que é reprimido possa ter uma postura de confrontos e hostilidades.

Admitir o Programa Nacional de Alimentação Escolar como um instrumento pedagógico, com atividades de educação nutricional que ultrapasse as disciplinas, pode ser uma forma de transcender a idéia estigmatizada de que a merenda escolar é para o “favelado”, mas sim um direito de todos à alimentação de qualidade e à construção de hábitos alimentares saudáveis.

### **“CERTO X ERRADO”: O DISCURSO DA ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL**

O tema alimentação foi trabalhado pelos professores de forma dicotômica, do tipo *Certo e Errado, Saudável e Não saudável, Pode e Não Pode*, conforme se verifica nas falas abaixo:

*“Não pode ficar comendo batata, hambúrguer, não! Essas balas azuis que vocês comem, sabem Deus por que, vocês vão acabar ficando doentes, anemia...”* (Professora Ciências, manhã – durante a aula sobre o Sangue).

*“Quero que vocês façam um cartaz sobre os alimentos saudáveis e não saudáveis. Aí, a gente vai colocar um de um lado e o outro do outro lado e escrever assim no meio deles: Faça a sua escolha!”* (Professora Ciências, manhã – durante a semana da Alimentação Escolar).

*“Vocês comem muita porcaria... sempre que sobra um dinheiro, vocês vão onde? No Mc Donald’s, ao invés de fazer escolhas saudáveis. Fazem errado!”* (Professor Ciências, tarde – durante a aula sobre alimentos reguladores).

Segundo Boog e Rodrigues (2006) a dicotomia comer *certo versus comer errado* tem raízes na cultura e nas vozes dos profissionais de saúde que preconizam tal discurso difundido na sociedade. O despreparo para lidar com as questões de alimentação leva à adoção de

orientações simplistas porque se preconiza a exclusão de muitos alimentos. As mudanças de comportamento alimentar, portanto, devem ser consequências de um processo reflexivo da realidade, no qual não se excluem os inúmeros componentes da complexidade alimentar.

A alimentação humana envolve muitos mais fatores que vão além de suprir as necessidades do organismo para viver. Há uma série de questões que envolvem a escolha dos alimentos bem como a sua recusa. Embora as recomendações internacionais de promoção da alimentação saudável evocavam a importância da variedade de alimentos como fonte de nutrientes, o equilíbrio na escolha dos alimentos baseada nas necessidades individuais e a moderação pelo controle do consumo de alimentos energéticos, principalmente as gorduras, essas regras acabam sendo uniformes para as distintas abordagens socioculturais e biológicas sobre os significados da alimentação. Segundo Mintz (2001), o comportamento relativo à comida liga-se diretamente ao sentido de nós mesmos e à nossa identidade social, por isso torna-se tão difícil mudar os hábitos alimentares uma vez que nossas atitudes em relação à comida são normalmente aprendidas bem cedo e são inculcadas por adultos *afetivamente poderosos*, o que confere ao nosso comportamento um poder sentimental duradouro. Isso faz com que o que aprendemos sobre comida esteja inserido num corpo substantivo de materiais culturais e históricos. Dessa forma, a comida e ato de comer adquirem uma posição central no aprendizado social e o comportamento relativo à comida revela de forma repetida a cultura em que cada um está inserido.

Quando se pensa em educação nutricional, todos esses aspectos simbólicos do alimento têm que ser levados em conta, caso contrário, corre-se o risco de se ter uma atividade descontextualizada com a vida dos alunos e que, portanto, têm grandes chances de não atingir o objetivo.

*“Aconselhar, no campo da alimentação, torna-se possível e imperativo diante de duas realidades: primeira, a necessidade de recusar modelos dogmáticos, padronizados, lacônicos, pautados, sobretudo, em restrições e normas que pressupõem um comportamento heterônomo do cliente; segunda, a perspectiva de poder inserir as ações educativas de nutrição em um processo **comprometido com a compreensão da condição humana**”.* (Boog e Rodrigues, 2006; p. 122, grifo nosso).

Antes, portanto, do discurso “certo e errado”, é necessário entender os motivos que norteiam a escolha alimentar desses alunos, através da problematização com os mesmos. Freire (2000) define *problematização* como uma intervenção de educação cujo modelo de aconselhamento se pauta no reconhecimento da importância de identificar e responder aos aspectos afetivos e comportamentais dos alunos; é a valorização do saber do aluno antes de instrumentalizá-lo para a transformação de sua realidade e de si mesmo. A idéia da problematização defendida por Freire, aplicada à educação nutricional consistiria na ruptura do padrão dicotômico de pensamento (“comer certo” x “comer errado”), de forma que o indivíduo passe a perceber que não existem apenas duas formas de alimentar-se, e na busca por soluções através da criação de estratégias de enfrentamento dos problemas alimentares na vida cotidiana, estimulando os alunos a uma reflexão crítica, por meio da qual ele possa compreender a influência macro e micro social no comportamento alimentar.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como apontamos acima, a pedagogia e o currículo devem ser capazes de oferecer oportunidades para que as crianças e os jovens desenvolvam pensamentos e atitudes críticas através do questionamento dos sistemas e das formas dominantes de representação da

identidade e da diferença. Em meio às adversidades da escola e às limitações a ela referentes e até mesmo em meio às limitações dos alunos, é necessário buscar formas de se estabelecer a discussão crítica das formas dominantes de poder a fim de emancipar esses alunos. Nesse sentido, a pedagogia e o currículo devem tratar a identidade e a diferença como questões de política, além de trabalhar a questão de quais mecanismos e instituições estão ativamente envolvidos na criação da identidade e de sua fixação.

Nesse estudo, concluiu-se como os alunos consideram as opiniões de seus professores para determinarem o que é bom ou ruim, tanto no que diz respeito à alimentação e à merenda quanto à percepção corporal. Contudo, é importante que os professores de ciências e de educação física considerem essas questões em suas práticas educativas, uma vez que os assuntos tratados em suas disciplinas já tratam de temas como a alimentação, corpo e saúde. Os professores aparecem como elementos-chaves quando se pensa em promoção de saúde na escola, uma vez que representam figuras de poder e de representatividade do que é identidade e diferença. Utilizar esse lugar de representatividade para pôr em questão os sistemas sociais que determinam o que é identidade e diferença, pode ser um caminho para discutir criticamente com os alunos que o Programa de Alimentação Escolar não se reduz ao suplemento alimentar destinado aos mais necessitados, e sim que é um rico instrumento pedagógico.

A redução do programa ao fornecimento de alimentação como um suporte calórico aos alunos, impossibilita que ações educativas sejam elaboradas a partir do tema alimentação e saúde. Ter no PNAE um instrumento educativo pode significar um espaço oportuno para discutir a alimentação saudável e suas nuances com a cultura local, com o gosto e preferências alimentares, a fim de não se ter uma ação dicotômica do tipo “certo e errado”, mas uma discussão pautada na complexidade da alimentação que possa efetivamente contribuir para a mudança de hábitos alimentares sem que isso tenha que ser feito de forma não reflexiva e autoritária.

## REFERÊNCIAS

- AGUIRRE, P. **Ricos flacos y gordos pobres: La alimentación em crisis**. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2004
- ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da Prática Escolar**. 13. ed. Campinas - Sp: Papirus, 2007.
- BEZERRA, JAB. Alimentação e escola: significados e implicações curriculares da merenda escolar. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14 n. 40 jan./abr. 2009
- BOOG, M. C. F; RODRIGUES, E. M. Problematização como estratégia de educação nutricional com adolescentes obesos. **Caderno Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 5, p.923-931, maio 2006.
- BORDIEU, Pierre. *A reprodução*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.
- COSTA, EQ; RIBEIRO, VMB; RIBEIRO, ECO. Programa de Alimentação Escolar: Espaço de Aprendizagem e Produção de Conhecimento. *Rev. Nutr.*, Campinas, 14(3): 225-229, Set./Dez., 2001.
- FISCHLER, C. Gastro-nomia y gastro-anomia. Sabiduría del cuerpo y crisis biocultural de la alimentación contemporánea. **In CONTRERAS, J. Alimentación e cultura**. México: Alfaomega, 2002.

Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE. Alimentação Escolar. 2005. Disponível em [http://www.fnde.gov.br /index.php/programas-alimentacao-escolar](http://www.fnde.gov.br/index.php/programas-alimentacao-escolar), em 14/07/11.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Paz e Terra, 2000.

GUIMARÃES, AQ; MELO, MC; FRANÇA, ES ; MUNFORD, D. Etnografia na pesquisa em ensino de ciências no Brasil: análise de dois referenciais teórico-metodológicos importantes no campo. *In: VI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências*, 2007, Florianópolis. Anais do VII ENPEC, 2009.

IPPOLITO-SHEPHERD, J. A Promoção da Saúde no Âmbito escolar: A iniciativa Regional Escolas Promotoras da Saúde. **In Caderno de Escolas Promotoras de Saúde. In Memórias III Reunión Latinoamericana de Escuelas Promotoras de la Salud**. Quito: OPAS, p. 8-13, 2002.

LENINGER, M. M. **Qualitative research methods in nursing**. Orlando: Grune and Stratton, 1985.

MINTZ, S. W. Comida e antropologia: uma breve revisão. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v. 16, n. 47, 2001.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICAN DE SAÚDE (OPAS/OMS). **Escuelas promotoras de la salud: entornos saludables y mejor salud para las generaciones futuras**. Washington, 1998.

RODRIGUES, V; et al. **Os professores e a educação/promoção para a saúde**. Braga: Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho, maio 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/6694> em 15/01/2009 Acesso em 15 jan. 2009.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. **In Silva. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Vozes, 2000.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. **In SILVA. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Vozes, 2000.